

Jornal: Tribuna Independente

Data: 14/11/2019 Página: 11 Editoria: Cidades

TRIBUNA
INDEPENDENTE
site: tribunahoje.com

CIDADES

Universidade pública: “número de negros está longe do ideal”

Para socióloga, políticas voltadas à educação mostram resultados, mas ainda falta muito para diminuir a desigualdade

LUCAS FRANÇA
REPÓRTER

De acordo com dados divulgados ontem (13), da pesquisa Desigualdades Sociais por Cor ou Raça Brasil, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pela primeira vez a população que se declara de cor preta ou parda passou a representar mais da metade dos estudantes do nível superior da rede pública de ensino em todo o país. O número exato é 50,3%. Apesar de não ter dados locais, a reportagem da **Tribuna Independente** repercutiu os dados com uma socióloga e representantes de movimentos e instituições.

“Esse dado nos mostra que,

quando se há políticas públicas voltadas para educação, temos resultados, mas ainda está longe de ser o ideal. As políticas públicas postas pelo governo do PT [Partido do Trabalhador] na educação, mostra-nos que a longo prazo teríamos uma representatividade da raça negra nas universidades. Programas como cotas e o Prouni [Programa Universidade para Todos] são responsáveis por exponencial subida nos dados. Apesar de termos a maioria da população brasileira sendo negra e parda, não tínhamos essa representação nas universidades públicas”, explica a socióloga Danúbia Barbosa.

Danúbia Barbosa diz ainda que o país está longe de ter o cenário ideal. “Muitos ainda não

PRIMEIRA VEZ

Pela primeira vez a população que se declara de cor preta ou parda passou a representar mais da metade dos estudantes do nível superior da rede pública de ensino em todo o país, aponta IBGE

BANCA

Para a professora Lígia dos Santos Ferreira, do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), o aumento se deve a atualização da banca de verificação

conseguem terminar o ensino superior e os que terminam têm mais dificuldade para se colocar no mercado, em relação



Segundo pesquisa do IBGE, pela 1ª vez, pretos e pardos são mais da metade dos universitários da rede pública

a um branco. A maioria desses negros e pardos ainda está em cursos nas áreas de licenciatura. Os cursos ditos como de ‘elite’, medicina, odontologia, direito... Ainda temos pouca representatividade. Temos muito ainda para caminhar e mostrar que sem investimento em educação não podemos chegar a lugar algum”.

Para a professora Lígia dos Santos Ferreira, do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Federal de Ala-

goas (Ufal), o aumento se deve a atualização da banca de verificação.

“Houve na verdade a instauração dessas bancas de verificação, porque as cotas sempre existiram – mas, o problema era que as pessoas não negras estavam ocupando os lugares das pessoas negras. E com as cotas no Brasil inteiro, os números de negros começam a aparecer. Na Ufal, a gente fez banca agora em 2019, e só no segundo semestre temos o

número de 1.899 estudantes negros nos cursos da universidade, e antes estes números não existiam, porque era feito apenas por autodeclararão. Não havia uma validação, e por isso não víamos muitos negros. A Ufal é uma das últimas a colocar as bancas, mas desde 2013 e 2015 em todo o país já tinha. A UnB [Universidade de Brasília], por exemplo, já realizava isso desde 2013. Com isso, os números vão crescer ainda mais”, disse Lígia dos Santos.